

FONTES ORAIS: AJUDANDO A CONSTRUIR A HISTÓRIA DE UM COLÉGIO INTERNO DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Roseli Bilobran Klen*

RESUMO

Este artigo é parte de uma pesquisa realizada sobre Instituições Escolares, mais especificamente o Colégio Santos Anjos, pertencente à Congregação das Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo. Instituição que iniciou suas atividades no início do século XX exclusivamente por religiosas de origem alemã na cidade de Porto União, Estado de Santa Catarina. As instituições educativas são espaços que se tornaram organismos vivos ao produzirem uma cultura escolar a qual teve seu prolongamento para a vida em sociedade, portanto a história e memória oral fazem vir à tona fatos significativos que integram esta cultura. Esta investigação discute a história da instituição com base em fontes orais e o uso da memória. Tem por objetivo verificar situações internas do cotidiano escolar e a influência destas além de seus muros, provocando transformações culturais. Justifica-se este estudo pela importância histórica da instituição, pois no ano de 1935, sua existência estava dividida com apenas outras duas escolas normais confessionais situadas no interior do Estado de Santa Catarina; e, também por ainda encontrarem-se sujeitos, fontes de pesquisa oral, que estudaram na instituição na década de 30. Como referencial teórico utiliza-se dos estudos de Le Goff, Magalhães e outros. Através deste estudo se torna possível desvendar a história do passado para se compreender o presente.

Palavras-chave: História e memória oral. Instituição Escolar. Cotidiano.

ABSTRACT

This article is part of a survey on School Institutions, specifically the College of the Holy Angels, belonging to the Congregation of the

Recebido em: abril/2012 – Aceito em: junho/2012

* Doutoranda em Educação pela Universidade TUIUTI do Paraná. E-mail: roseli.klein@hotmail.com.

Missionary Sisters Servants of the Holy Spirit. Institution that began operations in the early twentieth century exclusively for religious origin in the German city of Port Union, State of Santa Catarina. Educational institutions are spaces that have become living organisms to produce a school culture which had its prolongation for life in society, so the oral history and memory are significant facts come to light that make up this culture. This research discusses the history of the institution based on oral sources and memory usage. Aims to verify internal situations of everyday school life and influence of these beyond its walls, causing cultural transformations. This study is justified by the historical importance of the institution, as in 1935, its existence was shared with only two other normal schools confessional located within the State of Santa Catarina, and also to still find themselves subject, research sources oral, who studied at the institution in the 30s. As theoretical studies of the uses of Le Goff, Magellan and others. Through this study becomes possible to unravel the history of the past to understand the present.

KEYWORDS: Oral History and Memory. School Institution. Everyday.

1 Introdução

O principal teor deste trabalho é o estudo do Colégio Santos Anjos, com o intuito de, segundo Magalhães (2004, p. 58), “compreender e explicar os processos e os compromissos sociais como condição instituinte de regulação e de manutenção normativa, analisando os comportamentos, representações e projetos dos sujeitos na relação com a realidade material e sociocultural de contexto”.

O que instigou esta temática foi a participação em grupo de pesquisa do Grupo de Estudos em História da Educação do Brasil (HISTEDBR) vinculado a Unicamp, através de atividades de catalogação de fontes primárias em escolas de importância histórica, realizadas pelo Núcleo de Catalogação, Estudos e Pesquisas do HISTEDBR de União da Vitória – PR (NUCATHE), sob a responsabilidade da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória, no Estado do Paraná. Tendo em vista a farta documentação pesquisada e analisada no Colégio Santos Anjos, instituição confessional pertencente à Congregação das Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo (MSSpS) e dada a sua relevância e solidez como espaço de ensino, consolidada através de escolas e atividades assistenciais em vários estados brasileiros e no mundo todo, possibilitou-se verificar sua atuação profissional.

O Colégio Santos Anjos foi criado pelo pioneirismo de três religiosas alemãs pertencentes à Congregação das MSSpS, no ano de 1917, na cidade de Porto União, Estado de Santa Catarina, através da forte insistência do pároco local. A princípio foi criada a Escola Primária e colégio interno para as meninas, posteriormente passou a atender, em menor número, os meninos como alunos externos. Na década de 1930, criou-se o Curso Complementar e o Curso Normal; em 1935, o Jardim de Infância; e em 1943 passou a existir o Curso Ginásial concomitante ao Curso Fundamental. O colégio atende atualmente a Educação Infantil e a Educação Básica e completa 95 anos de atividades educativas.

Teve-se como problema de pesquisa investigar de que forma o tempo, os espaços, os saberes escolares e a estrutura de poder na escola, interferiram na aquisição de conhecimentos dos sujeitos nela envolvidos. A memória oral foi um elemento essencial nesse ensejo de obter informações sobre os reflexos das práticas educativas da instituição na vida desses sujeitos e na comunidade na qual estavam inseridos.

Foram utilizadas fontes bibliográficas e entrevistas com ex-alunas. Optou-se por depoentes mais antigas, totalizando nove entrevistas. A aluna mais idosa ingressou seus estudos em 1931 e a mais recente ex-aluna entrevistada ingressou na instituição em 1947. Os dados contidos foram amplamente entrecruzados entre si, possibilitando a reconstrução histórica da instituição. Estas fontes ajudaram a entender uma educação que não foi abstrata, ao contrário, sendo temporal e histórica, sofreu constantemente influências da ação concreta de sujeitos nela envolvidos.

A pesquisa se tornou relevante porque trata de uma instituição educativa e compreende sua inserção em tempo e lugar próprios permitindo perceber também, a transcendência dos muros escolares, as práticas e vivências na sociedade que a abrigou e fez uso daquela escola. Cabe ressaltar que a preparação dos alunos para a inserção social necessita da aquisição de códigos de conduta, maneiras de se expressar e domínio de determinadas categorias de conteúdos culturais, inclusive aqueles ligados à prática religiosa. Em relação à presença do colégio na cidade de Porto União, pode-se apontar a especial relevância devido ao fato de ser a primeira escola confessional a ser instalada oferecendo o curso primário e funcionar em regime de internato atendendo inúmeras educandas, principalmente imigrantes, que residiam em locais distantes de difícil acesso devido a grandes distâncias a serem percorridas, dessa forma, a instituição supriu

esta necessidade. Por outro lado a escola instalou-se pós Conflito do Contestado, o que trouxe certa segurança às famílias mais abastadas que queriam proteger suas filhas de supostas violências. Foi também a pioneira em adotar o Curso Normal no Município de Porto União, e, em 1935, existiam somente quatro escolas normais confessionais no Estado de Santa Catarina, uma na capital e outras no interior do Estado, sendo uma destas a Escola Normal do Colégio Santos Anjos.

2 Utilizando fontes orais para verificar os reflexos das práticas educativas da instituição na vida dos educandos e na comunidade na qual estavam inseridos

Este colégio começou pequeno e tornou-se grande, teve sua complexa malha de relações intra e extramuros, cuja evolução se apresentou profundamente marcada pela sua inscrição nas conjunturas históricas locais e trouxe muitos reflexos significativos para a cidade de Porto União. Magalhães (2004) diz que:

As instituições educativas são organismos vivos, cuja integração numa política normativa e numa estrutura educativa de dimensão nacional e internacional é fator de conflito entre os campos de liberdade, criatividade, sentido crítico e autonomização dos atores e normativo burocrático, e, político ideológico estruturante. As instituições educativas transmitem uma cultura (a cultura escolar) não deixam de produzir culturas, cuja especificidade lhes confere uma identidade histórica. (MAGALHÃES, 2004, p. 124).

A relação entre a instituição educativa e o contexto sócio- histórico-cultural e geográfico que a envolve contribui para a formação dos grupos sociais. E, como diz Petitat (1994) não se trata de grandes revoluções, mas de alterações quase imperceptíveis; portanto, esta presença da escola gera uma cultura escolar presente dentro e fora desta.

Julia (2001, p. 10) vai definir a cultura escolar como: “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”. Estas práticas adquiridas no interior da escola se expandem para a vida em sociedade, definindo-se no modo de pensar, e agir dos educandos que passaram pela instituição; das professoras normalistas que adquiriram conhecimentos e habilidades formais através do processo de escolarização e que irão refletir na sua atuação profissional; bem como, das atividades desenvolvidas pela congregação na comunidade que influenciaram na modificação estilos de vida. Pois, segundo Julia (2001):

O colégio não é somente um lugar de aprendizagem de saberes, mas é ao mesmo tempo um lugar de inculcação de comportamentos e de habitus que exige uma ciência de governo transcendendo e dirigindo sua própria finalidade, tanto a formação cristã como as aprendizagens disciplinares [...] a cultura escolar desemboca aqui no remodelamento dos comportamentos, na profunda formação do caráter e das almas que passa por uma disciplina do corpo e por uma direção das consciências. (JULIA, 2001, p. 22).

No relato a seguir, é possível verificar algumas dessas práticas:

A mamãe estudou lá (no Colégio Santos Anjos) em 1918, foi aluna das primeiras turmas, minhas tias também estudaram lá [...] Eu vim para cá (Porto União) em 1945, porque residia em Três Barras [...] Comecei o terceiro ano primário [...] depois fiquei doente, e, em 1946 tive que voltar para casa. Terminei o quarto ano primário no Grupo Escolar General Osório, em Três Barras, tive que ficar um ano sem estudar, mas estudava em casa com meu pai. Em 1947 voltei para fazer o ginásio [...] Depois fiz a Escola Normal e terminei o curso em 1954 [...] As minhas filhas também estudaram lá. (METZLER, 2001).

Julia (2001) descreve o colégio como um local de inculcação de habitus. Bourdieu vai definir este habitus como uma conformação dos indivíduos à sociedade em que vivem, a ponto de após algum tempo, as regras estarem internalizadas e transformadas em habitus, onde os esquemas comuns de pensamento, de percepção, de apreciação e de ação, são capazes de produzir indivíduos identicamente programados, aptos de exercerem uma ação transformadora reprodutiva de formação que eles próprios receberam (BOURDIEU, 1992, p. 206). No relato anterior, a partir do momento em que se quer discutir os reflexos da chegada da Congregação em Porto União, é possível perceber que três gerações ou mais passaram pela instituição e que muitos saberes adquiridos foram transferidos para o ambiente social em que estes indivíduos estavam inseridos. E, este fragmento de história e memória passa a ser entendido como uma representação seletiva de um passado que não é somente do indivíduo, mas de toda a família que passou pela instituição, ou seja, é uma história inserida num contexto familiar, social e mais abrangente que o próprio espaço de relações do sujeito. Neste depoimento fica evidente na memória tanto individual como coletiva, a importância que os estudos tiveram na vida dessas pessoas, e a relevância da Instituição que atraía educandas de longínquas localidades interioranas.

Durante as entrevistas percebem-se algumas situações, conforme os relatos a seguir:

Eu sempre fui muito religiosa, levantava cedo e ia à missa todos os dias. Levava o meu pãozinho para comer depois da missa, porque naquele tempo não se podia tomar café antes de receber a comunhão. Então, depois, a irmã me dava uma xícara de café. Mais tarde, participei da Congregação das Filhas de Maria e fui catequista na comunidade. (INNOCÊNCIO, 2011).

Le Goff (2003) aponta que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura, exercem manipulações conscientes ou inconscientes sobre a memória individual. Este relato retrata a experiência religiosa estimulada pela prática missionária das Irmãs no ambiente escolar e vivenciada além deste, revelando comportamentos esperados, tendo em vista esta ação. Esta evocação manipula o inconsciente a destacar este tipo de comportamento, como um comportamento positivo, aprendido no colégio.

Aprendi no colégio o respeito pelo próximo, isso eu levei para a minha vida. Quando lecionei no Grupo, me senti muito realizada, porque propicieei a muitos pais a fazerem a certidão de nascimento dos filhos; aconselhei muitos casais [...]. (DOMINGOS, 2011).

O espírito missionário transcende os muros escolares. Neste caso, este fragmento de história oral, pode ser considerado como fonte de identidade de um povo, capaz de retratar as realidades, as vivências e os modos de vida de uma comunidade em cada tempo e nas suas mais variadas sociabilidades; permitindo a inserção do indivíduo, resgatando-o como sujeito no processo histórico produtor de histórias e feitos de seu tempo.

Nós fazíamos muitas apresentações de bailados, às vezes no colégio, às vezes no salão da Igreja. Festa era demais! Festa da Bandeira, Festa da Independência, Festa Junina, tinha até discurso [...]. (INNOCÊNCIO, 2011).

Arendt (1987) compara este resgate do passado como “um pescador de pérolas que desce ao fundo do mar, não para escavar e trazer à luz, mas para extrair o rico e o estranho, as pérolas e o coral das profundezas e trazê-los à superfície”. Este rico material, a pérola, são as agradáveis lembranças que promovem um bem estar nos indivíduos. Mesmo sabendo que as pessoas selecionam suas memórias, esta realidade apontada anteriormente no relato, possibilita entender que,

mesmo esta exaluna estudando num colégio religioso, na década de 1940, de tradição católica onde se supunha ter uma disciplina rígida, ainda havia espaços para a diversão, através das inúmeras festas proporcionadas.

Veio o Bispo de Lages (para a procissão) e foi muito festejado. Isto deu muito trabalho, também para mim. Tivemos que ir buscar flores na casa das “Filhas de Maria” e das “Senhoras do Sagrado Coração”. Trouxemos cadeiras da Rua Mattos Costa até o colégio. Rasgamos folhinhas de cedro para fazer tapete de rua. Ficaram muito bonitos os enfeites na frente da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes que existia na frente do colégio. Também houve canto, peças teatrais e declamações, além da Missa Solene. (GÜNTER *apud* HOBATIUK, 2001, p. 34).

Arendt (1987) ainda compara a memória a um caleidoscópio, que a cada movimento a imagem se altera, portanto a ressignificação dos objetos, sons, aromas, sabores evocados pelos sujeitos irão possuir sensações diferentes. O relato anterior aponta um olhar sob o ponto de vista de uma pessoa que fez parte do evento religioso, entretanto poderia ser sentido de forma diferente por outros que não se envolveram diretamente. O que importa é que esta informação contribuiu para verificar os reflexos da instituição na cidade de Porto União com relação à organização de atividades religiosas que envolveram a comunidade.

As Irmãs organizavam as missas, a Sexta-Feira Santa, as Procissões, a Festa das Missões [...] e a sociedade toda ia lá. Havia Festa da Primavera na Praça Hercílio Luz e as barraquinhas que o colégio fazia para vender doces e salgados eram esperadas por todos. (METZLER, 2011).

Thompson (1992, p. 137) afirma que “a memória voluntária ou involuntária emerge e transversaliza o tempo, atribui identidades à história de uma vida, a um passado coletivo [...], a memória permite ancorar uma vida a seus pertencimentos atualizando as identidades”. A lembrança deste acontecimento se deve, talvez, pelo fato do sujeito ter participado como ator deste momento religioso, ou do momento festivo, na praça da cidade, o que evoca lembranças alegres e divertidas. Essas práticas educativas extraclasse que se realizavam na instituição podem ser comprovadas através do entrelaçamento com outras fontes, como jornais, materiais iconográficos, entrevistas com outras pessoas.

Este espaço físico, subentendido nos relatos, no entender de Bourdieu (2010, p. 38) fazia parte de uma categoria sagrada, onde “as pessoas eram separadas das comuns mortais por uma diferença

de essência e, assim legitimados para dominar”. No seu interior predominava uma cultura escolar assimilada através do espaço que os indivíduos ocupavam, da divisão do tempo escolar e da relação pedagógica existente. Viñao Frago (1995) aborda os hábitos e comportamentos, as experiências cognitivas que a escola proporciona e que se estendem à sociedade por intermédio dessa divisão sofrida no interior da escola. Ele afirma que o “espaço físico para o ser humano é uma das suas modalidades de sua conversão em território e lugar. O espaço não será neutro [...] o espaço educa.” (VIÑAO FRAGO, 1995, p. 69).

Esse espaço interno do Colégio Santos Anjos estava dividido em amplas salas, cada uma delas com uma função diferente (figuras 1 e 2). O Relatório das Atividades da Escola Normal do ano de 1947 descreve o espaço físico da instituição da época:

A Escola Normal “Santos Anjos” situada no centro da cidade de Porto União, funciona num prédio novo de três andares. O mesmo é dotado de todo conforto de um estabelecimento moderno. A construção é sólida em cimento armado. Há oito saídas largas que permitem um escoamento rápido das alunas. As três escadas do novo prédio são de cimento armado, cômodas e revestidas de marmorito, pisos de 16 X 35 cm. Há uma quarta escada na parte antiga, e de madeira. Os corredores de 2,50 m de largura são claros e ladrilhados. As salas de aula, em número de 10, são pintadas de branco com uma barra verde clara; o soalho de taquinhos e encerado; a iluminação e o arejamento são ótimos; a parede da frente está ocupada em toda largura pelo quadro- negro, dimensões 1,10 X 6,20 m. Para as alunas há carteiras individuais ou duplas e cadeiras individuais. A mesa do professor grande e cômoda, está sobre um estrado, e em posição de diagonais. As salas especiais são as seguintes: a) Salas de Trabalhos Manuais no 1º andar, com mesas e cadeiras para as alunas, um grande armário para os trabalhos, quatro máquinas de costura, e os demais apetrechos para a boa execução dos trabalhos. b) Biblioteca, sala contígua, com armário e estantes de livros a disposição das professoras e alunas, mesas e cadeiras para as horas da consulta e frequência da biblioteca. c) Sala de Desenho, no 2º andar, sala espaçosa e clara. Possui um grande armário com modelos de vasos antigos, animais e figuras geométricas, régua, compassos, esquadros e transferidores, quadros de pintura, desenho em alto relevo, plantas e animais empalhados. Há mesas próprias e cavaletes para os desenhos. d) Sala de Geografia e História, igualmente instalada no 2º andar, possui todo o aparelhamento necessário ao ensino desta matéria: mapas, globos, telúrio, coleções de cartões postais e vistas do Brasil, dos Estados e de

Países diversos, mapas para o ensino cartográfico, quadros sobre produtos agrícolas, minerais brasileiros, barômetros, bússolas, tabuleiro de areia, e um pequeno armário de museu com coleções de objetos históricos, geográficos e indígenas. e) Sala de Física e História Natural em forma de anfiteatro. Possui grande número de aparelhamento e instalações necessárias para o ensino de ciências físicas e naturais; armários e vitrines com ricas coleções de aves e animais mamíferos empalhados; répteis insetos e peixes, herbário, aquário, coleções de pedras, minerais, sementes, madeiras, modelo de sistema cristalino e inflorescências, crustáceos e coleções de produtos industriais. Existe ainda o material necessário para o ensino de anatomia: crânios e outras partes ósseas, modelos em gesso do cérebro, laringe, coração, ouvidos e vista; quadros ilustrativos e microscópio. A mesa de experiências tem chapa de vidro. Há instalação de água e força elétrica. f) Laboratório de Química separado da sala anterior possui boa coleção de drogas para as experiências, aparelhos para reação química, capela exaustiva, mesa de laboratório com tampa de vidro, instalação de água, força elétrica e quadro negro. g) Gabinete Dentário, instalado recentemente, com todo aparelhamento necessário, é destinado ao uso das alunas internas. h) Gabinete Biométrico de acordo com as prescrições legais e das finalidades previstas. i) Pequena Farmácia com drogas, remédios e materiais necessários aos primeiros socorros. O Curso Primário funciona num pavilhão separado e em pequena distância do prédio principal. Existem ali 4 salas de aula e 1 sala espaçosa apropriada para o funcionamento do Jardim de Infância. As Salas de Administração compreendem: o gabinete da diretoria, o gabinete do inspetor, a secretaria e a sala dos professores. Existem ainda, 5 saletas para o ensino particular de piano, violino e datilografia. Instalações do Internato: a) Dormitório- as alunas internas tem a sua disposição dois dormitórios espaçosos, sendo um para as alunas grandes e médias, e outro para as menores. Há 125 camas patentes, mesinhas de cabeceira, armários individuais, e 47 pias de lavatório com água corrente. b) Salas de Estudo – existem 2 na parte antiga, com carteiras e estantes para os livros. c) Os Vestiários – em número de três no andar térreo, destinado para as sacolas de ginástica das alunas internas, outro para as alunas externas, e o terceiro, o maior, para casacos e aventais do uso das alunas internas. d) A Sala de Jantar – no andar térreo, comporta 130 alunas internas. as mesas, em número de 16, são esmaltadas e as cadeiras são individuais. e) A Cozinha, as duas Copas e a Dispensa – acham-se vizinhas à sala de jantar. Suas paredes são revestidas de azulejos. Há um grande fogão econômico; instalação de água quente e fria; armários a prova de insetos e moscas etc. f) O Banheiro – encontra-se ainda no andar térreo. Há 11 banheiros e 8 chuveiros instalados em cabines isoladas, revestidas de azulejos, são servidos de água quente e fria. Ao lado do banheiro

acha-se a rouparia com suas estantes para guardar as roupas das alunas. As Instalações Sanitárias acham-se em dois pontos opostos da construção. As paredes dos apartamentos são revestidas de azulejos, e os pisos são ladrilhados. Há 30 W.C. com descarga automática, sistema "hidra". Cada apartamento possui 4 lavatórios de água corrente, há 2 bidês. As Caixas de Água recebem a água de três poços situados no local do estabelecimento. Há 4 caixas de água nas seguintes condições: uma caixa de capacidade de 2m³ para os banheiros, uma de 1 m³, para uso exclusivo da cozinha, uma de 5m³ para as instalações sanitárias, pias e limpeza geral; uma de 0,5 m³ exclusivamente para os bebedouros e torneiras dos recreios. Há 3 bebedouros e 7 torneiras para água potável e 10 torneiras distribuídas entre os corredores e pátios de recreio. A Área Livre compreende o pátio de recreio 367,5 m², 670 m² de campo de educação Física, e 900 m² de campo de tennis, volley e outros esportes, estando estes últimos em construção. A Área Livre e Coberta para o curso primário abrange outro pátio espaçoso junto ao pavilhão de aulas deste curso. Ao lado dos campos de Ginástica e Jogos se estende um vasto quintal, que fornece parte das hortaliças consumidas pela cozinha. As plantas anexas darão as demais informações (figuras 8, 9, 10 e 11). Mobiliário e Material Escolar – Existem 24 carteiras duplas com 48 cadeiras, que foram acrescentadas ao mobiliário existente em 1946. A sala de desenho foi enriquecida com uma coleção de vasos de diferentes modelos. Para uso das internas foi instalado o Gabinete Dentário que funciona duas vezes por semana. Todo material está em bom estado de conservação. (COLÉGIO SANTOS ANJOS, 1947, p. 3-4).

No percurso histórico das instituições educativas, segundo Magalhães (2004) o processo investigativo faz apelo a uma diversidade de informações, passando pelo espaço físico, estrutura arquitetônica, aspectos simbólicos e as memórias coletivas e individuais. Esta complexidade desafia a construção da história dessas instituições. Entretanto, utilizar-se da memória dos sujeitos que fizeram parte deste contexto, mesmo que relatos dispersos, ou factuais, associada a Referências documentais não pode ser deixada de lado pelo investigador. A descrição do espaço físico escolar, apresentada anteriormente, revela a edificação, os espaços reservados aos alunos, aos professores, e aos funcionários; apresenta, nas entrelinhas, os aspectos simbólicos, as relações de comunicação e de poder, relação educativa, fatos estes revelados através dos relatos das ex-alunas quando evocam suas lembranças. É por isso que Magalhães (2004) acrescenta que a construção da identidade institucional ganha sentido e materialidade mediante o cruzamento das memórias e dos arquivos.

Figura 1 – Dormitório das alunas pequenas (1947)



Fonte: Acervo do Colégio Santos Anjos.

Figura 2 – Gabinete dentário (1947)



Fonte: Acervo do Colégio Santos Anjos.

Com relação ao espaço físico Henkel (2011) diz “minha irmã era muito arteira, ela também estudava lá (no Colégio Santos Anjos), descia as escadas pelo corrimão. Certo dia quando desceu estava diante da irmã supervisora. Ganhou como castigo colar os tacos na construção da ala nova do Colégio”. Barnek (2011) lembra-se: “eu lavava a louça, e era muito bom, tinha água quente e tudo na cozinha era bem organizado, ajudava também a descascar os legumes para a sopa”. Günter (2011) se recorda que “era responsável em recolher as flores murchas da

capela e colocar flores frescas, este era o meu serviço. A capela era muito bonita, as irmãs realizavam orações diárias”. Metzler (2011) se recorda que “ao redor do colégio tinha uma cerca viva e que as alunas internas que traziam dinheiro de casa compravam, às escondidas, picolés do sorveteiro quando este passava, por meio das folhagens da cerca”. Guimarães (2011) lembra-se do sino, e diz “a disciplina era rigorosa e quando uma aluna infringia as regras da escola, a professora tocava um sino, então vinha a irmã diretora, mas isto era apenas em última instância, aí todas as demais ficavam com muito receio da punição que lhes seria apresentada”. Quando se trabalha com história oral se depara com estas situações, onde os sujeitos que até então eram anônimos nesta trajetória, tiveram espaços para divulgar suas narrativas do contexto e elementos dos objetos da pesquisa, neste caso o espaço escolar.

Aquele imponente prédio tinha no seu interior também as divisões do tempo: tempo para comer; tempo para rezar; tempo para fazer a higiene; tempo para ir à missa, o que pode ser observado no decorrer das entrevistas:

Uma vez por semana fazíamos o asseio com paninhos úmidos [...] trocávamos a roupa íntima e a camisa branca. Outra vez na semana era a vez do banho. Tomávamos banho numa tina, com camisola [...] (HENKEL, 2011).

Eu era aluna interna, mas não era pagante, então tinha que trabalhar. Lavava a louça. Eu gostava de lavar a louça, tinha água quente e duas pias [...] a louça ficava na gaveta, coberta com um guardanapo de pano. Eu varria toda a escadaria onde tinha a Gruta da Santa, varria todo o corredor [...] As internas tinham mais tempo para estudar, eu tinha uma hora para os estudos. (GUNTER, 2011).

No domingo levantávamos cedo, íamos à missa, nosso divertimento era brincar um pouco, almoçar, depois do almoço, lavar a louça e quem queria brincar podia brincar, tinha balança, quem não queria podia dormir um pouco [...]. (BARNEK).

Nós tínhamos o tempo para o estudo das línguas. Estudávamos inglês, francês, alemão e latim [...] Havia confissão uma vez por mês. Até hoje me lembro da fila para se confessar. Eu levava por escrito minha confissão [...]. (GUIMARÃES, 2011).

Tinha o tempo da aula de música. Nós tínhamos um piano em casa. Eu estudei um pouco. Eu adorava a parte de música. Elas ensinavam os compassos, as pausas [...] Eram as músicas clássicas que aprendíamos. Nunca esqueço o que eu aprendi com a Irmã Ignis (o canto): “passarinho

bonitinho, de onde vens, de onde vais tão sozinho, nestes ramos que avistamos, não existe entre as folhas dos ninhos, vens de longe certamente, pelos bosques a voar, esvoaçando, saltitando, terás visto beleza sem par, amiguinho faz teu ninho, junto a nós, quero ser teu vizinho, eu bem vejo que desejo viajar como tu passarinho, mas não sabes ler nos livros, eu porém já sei, já sei, e algum dia, que alegria, muito mais do que tu saberei". (RULF, 2011).

Petit (1994) alerta que os horários concorrem para enraizar hábitos de trabalho e de concentração de esforços e Viñao Frago (1995) aponta que este tempo é um tempo social que não é vivido apenas no interior da escola, mas também no núcleo familiar:

El tiempo escolar se muestra, al menos formalmente, como un tiempo prescrito y uniforme. Sin embargo, desde una perspectiva individual, es un tiempo plural y diverso. No hay un solo tiempo, sino una variedad de tiempos. El Del profesor y El del alumno, por de pronto. Pero también El de la administración y el de La inspección, el reglado. Em cuanto tiempo cultural, además, el tiempo escolar es una construcción social históricamente cambiante, un producto cultural que implica una determinada vivencia o experiencia temporal. Un tiempo que es organizado y construido social y culturalmente como tal tiempo específico, pero que, a la vez, es vivido no solo por los profesores y los alumnos sino también por las familias y La comunidad em su conjunto, mediante su inserción y relaciones con el resto de los ritmos y tiempos sociales. (VIÑAO FRAGO, 1995, p. 72).

A escola é lugar de formação, de integração e de socialização, lugar de ensino e de aprendizagem, lugar de controle, de disciplina e de subjetivação onde todas as aquisições possíveis, sejam elas cognitivas ou técnicas atualizam-se a cada momento. Este conjunto de práticas, segundo Magalhães (2004):

Exercitadas por sujeitos qualificados em tempos qualificados, dispendo de materialidades propiciadoras de apropriação/desapropriação de saberes, crenças e atitudes, ou seja da cultura escolar, é constituída pela história do currículo e das disciplinas, ou seja, do modo de organização do saber em ordem a torná-lo ensinável. (MAGALHÃES, 2004, p. 13).

Estes saberes produzem efeitos duráveis de socialização sobre os estudantes. Esta relação pedagógica existente se externaliza através da organização dos indivíduos na sociedade. Segundo os depoimentos a seguir, é possível verificar a consolidação destas práticas na vida social dos indivíduos:

Tudo o que eu aprendi no Colégio era um conhecimento de alto nível. Todas as professoras (freiras) eram alemãs, todas eram religiosas e de cultura europeia. O professor de latim era um Frei. Eu gostava muito de matemática. Quando eu fui para o ensino superior fazer o curso de contabilidade, não tive nenhuma dificuldade. (METZLER, 2011).

A Irmã Jacoba era uma excelente professora, ela dava aula de pintura, era uma artista! Aprendi muito com ela. Quando eu já estava lecionando usava a Cartilha “Pitu” para alfabetizar, e com as habilidades artísticas ensinadas pela Irmã Jacoba, eu reproduzia, em tamanho grande, inclusive com desenhos, todas as lições da cartilha. (DOMINGOS, 2011).

A Irmã Ignis dava aulas de música. Tinha aula teórica e prática. Durante as aulas ensaiávamos os cantos para as formaturas. As formaturas eram muito bonitas; a comunidade esperava este dia. Levava-se o piano para o salão da Igreja onde tinha um palco. (RULF, 2011).

A Irmã Margarida foi minha melhor professora de Português. Lá (no Colégio, durante as aulas) desenvolvi a facilidade para os versos. O colégio proporcionava ocasião. Eu era oradora e poetiza, <criei fama>, e, mais tarde recebi homenagem da Academia de Letras. (INNOCÊNCIO, 2011).

A Irmã Ignis dava aula de música e eu gostava de cantar. Eu era cantora e ia sempre com a Irmã na Missa do Bairro São Pedro, uma vez por mês, quando havia missa. Nós íamos de carroça. Eu participava dos cantos de fim de ano. (INNOCÊNCIO, 2011).

Estes saberes se cristalizam subjetivamente no modo de ser das pessoas e se externam através da sua relação com a sociedade, ao mesmo tempo transformando-a.

A cultura escolar ocupa um lugar de particular importância. Isso “permite articular, descrever e analisar, de uma forma muito rica e complexa, os elementos que compõe o fenômeno educativo” (FARIA FILHO, 2004, p. 11). Para isso Julia realiza um questionamento: “quais as marcas que a escola imprimiu nos indivíduos de uma sociedade onde há efetivamente sempre mais escola, já que a formação não para de se prolongar?” (JULIA, 2001, p. 37). Nos depoimentos anteriores foi possível verificar que embora pequenas, as transformações ocorreram; e, também a cultura material escolar, tão presente no interior da escola pode ser um suporte para verificar o funcionamento da instituição, as mudanças na educação e a transformação de habitus ao longo do tempo. Ressalta-se o fato de se encontrar, entre o acervo iconográfico, um álbum de fotografias e postais primorosamente organizados por uma aluna da década de 1940 e cedido ao acervo da instituição.

Neste objeto material, fica evidente o fato de a educanda reproduzir um comportamento adquirido através da participação da Liga Pró-Língua Nacional de 1946, quando as alunas tinham por objetivo a organização de álbuns apresentando personalidades nacionais. O mesmo acontecendo com fotografias. As fotos eram oferecidas umas às outras com dedicatórias de amizade e carinho. O que se pode constatar neste álbum, é que, mesmo depois de formadas, já casadas, com filhos, as amigas permaneceram e continuaram trocando fotos (de noivado, de casamento, lembrancinhas de filhos...) com dedicatórias às suas antigas colegas de escola normal.

A sala de visitas, o piano, a sala de costura, o uso de uma estante para livros, esta infraestrutura do prédio escolar já era uma extensão da casa, entretanto nestes imponentes colégios assume um refinamento, exigindo certa adequação de comportamentos sociais dos que neles transitaram. As ex-alunas, ao abrirem as portas de suas casas para as entrevistas, deixam transparecer estes elementos materiais cultivados durante sua permanência no colégio interno. Em suas salas de visitas, o piano, a estante para livros com móveis rústicos, todos de saudosas lembranças expressadas pelas mesmas.

Os bordados aprendidos na escola adentraram as casas, encontrando-se em toalhinhas de bandejas, exibidos ainda, com muito orgulho, ou surgem como resquícios de lembranças “do tempo em que se bordava o emblema do nome” nas peças de enxoval (HENKEL, 2011).

O quadro negro, parcela do conjunto de artefatos materiais que fez parte da escola num determinado tempo e espaço, adentrou as casas como objeto lúdico constituindo-se num imaginário infantil, onde as crianças assumiam a postura de “professor” diante de outros.

Minha mãe comprou um quadro negro, vinham as colegas da minha irmã mais velha e toda a vizinhança também vinha aqui (na casa). Nós fazíamos a escola: um dia uma era a professora, outro dia era outra colega. Nós dávamos aula. Era gostoso! Papai comprava giz para nós. Ele nos incentivava. Minha irmã mais nova era louca para ir à aula, ela era pequenininha [...]. (DOMINGOS, 2011).

O aparelhamento do ginásio para a prática de Educação Física com os materiais esportivos exigidos, foi um forte apelo à prática de exercícios e de atividades esportivas. Desta experiência vivenciada, surgiram muitos campeonatos de Voleibol Feminino na cidade e outras práticas desportivas, incluindo demais colégios.

Objetos e arquitetura que fizeram parte da vida das educandas formaram uma cultura material concretizando a escola como ambiente de conhecimento e aquisição de *habitus*.

A fim de reconstruir a história de uma instituição escolar, utilizou-se da memória estabelecendo-se contato e confronto entre o passado e o presente para se determinar as influências desta sobre a comunidade local. Le Goff (2003) diz que esta memória pode ser individual ou coletiva, pois está presente:

[...] nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual. Do mesmo modo a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos, os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 2003, p. 422).

O uso dessa memória entrelaçada com outras ferramentas (documentos, materiais iconográficos, jornais etc.) pode revelar a história que se quer desvendar. No entanto a história e a memória passaram a se revelar cada vez mais complexas. Lembrar o passado não é uma atividade inocente, tão pouco as memórias não parecem ser objetivas, pois podem ser manipuladas e seletivas. A memória pode falhar e coisas são esquecidas, outras não são ditas, há um silêncio. Apesar de todos estes fatores ela continua sendo um campo de estudo da história, considerado importante no debate historiográfico, pois nem sempre os documentos escritos deixam transparecer as tomadas de decisões dos indivíduos (LE GOFF, 2003).

Ferreira (1997) também faz um questionamento sobre as mudanças ocorridas no campo histórico:

O que aconteceu no campo da pesquisa histórica? Em linhas gerais, revalorizou-se a análise qualitativa, resgatou-se a importância das experiências individuais, ou seja, deslocou-se o interesse das estruturas para as redes, dos sistemas de posições para as situações vividas, das normas coletivas para as situações singulares. Paralelamente, a história cultural ganhou novo impulso, o estudo do político experimentou um renascimento e, finalmente, foi aceito o estudo do contemporâneo. O aprofundamento das discussões acerca das relações entre passado e presente na história e o rompimento com a idéia que identificava objeto histórico e passado, definido como algo totalmente

morto e incapaz de ser reinterpretado em função do presente, abriu novos caminhos para o estudo da história do século XX. Nesse movimento, foi extremamente significativa a expansão dos debates acerca de memória e de suas relações com a história. Essas discussões estimularam o abandono de uma visão determinista que limita a liberdade dos homens e levaram ao reconhecimento de que os atores constroem sua própria identidade. Demonstraram também, de forma inequívoca, que o passado pode ser construído segundo as necessidades do presente e que, portanto, pode-se fazer uso político do passado. (FERREIRA, 1997, p. 159).

A história vem resgatando a importância das experiências individuais. Com o uso destas não se quer uma história total, mas oportunizar aos sujeitos anônimos a revelarem suas vivências e articular as suas narrativas ao contexto dos elementos da pesquisa, através das descrições contidas nas representações destes indivíduos. O uso das fontes orais se tornou indispensável como um novo subsídio para se reconstruir a história que se quer investigar.

3 Considerações finais

A história se fez presente muito antes de ser registrada através da escrita. Para tornar-se escrita e registrada de geração em geração esteve primeiramente presente no imaginário social. Neste sentido para sua produção, tornou-se importante recorrer-se a memória. A partir do momento em que passou a pertencer ao campo científico afastou-se da memória. Entretanto, a corrente da Nova História, propõe a volta das fontes orais.

O trabalho com estas fontes possibilitou trazer à história, tanto como sujeitos ou testemunhas aqueles que, de certa forma, foram anteriormente, deixados de lado sem direito a memória.

Segundo Le Goff (2003), pela memória se tem a propriedade de conservar certas informações que, por remeter a um conjunto de funções psíquicas, permite atualizar impressões e informações passadas ou que se representam como passadas. O ato de rememoração requer um comportamento narrativo, pois se trata da “[...] comunicação outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo” (LE GOFF, 2003, p. 421). A memória pertence ao indivíduo, é intransferível e parte de suas experiências vividas. Por meio dela, as pessoas recuperam fragmentos vividos, portanto se torna um instrumento de poder do cidadão.

A memória individual contribui para a preservação da memória coletiva. É o que ocorre quando se registram estes fragmentos de memória e outras pessoas o leem evocando outras lembranças que somadas as primeiras formam uma história maior e mais complexa. Dessa forma, pode-se dizer que a história oral é um meio e nunca um fim, ou seja, ela se torna ferramenta, recurso para se desvendar outros fatos. Com o uso de fontes primárias foi possível descrever o cotidiano do Colégio Santos Anjos em Porto União (SC), entretanto existe uma história nas entrelinhas que não foi revelada por estes documentos, somente as fontes orais através da história e memória oral puderam desvendar.

Através do uso de fontes orais, nesta pesquisa, foi possível perceber a influência que a escola em questão teve sobre os comportamentos aprendidos e reproduzidos na sociedade na qual estas ex-alunas estiveram inseridas, cada qual na sua época. Quando se lembram das aulas de pinturas e tentam reproduzir as habilidades da Irmã professora; ou quando o primoroso trabalho da professora de português as fez tornarem-se poetizas; ou ainda, quando as aulas de música despertaram essa habilidade, fazendo-as participarem da comunidade etc. Dessa forma, torna-se possível perceber o quanto isso interferiu em suas atividades profissionais ou em sua vida pessoal revelando as influências da Instituição Educativa além dos muros da escola.

Referências

ARENDDT, Hannah. **Homens em Tempos Sombrios**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A Reprodução**. Elementos para uma Teoria do Sistema de ensino. 3. ed. Tradução de Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

_____. **Razões Práticas sobre a Teoria da Ação**. 10. ed. São Paulo: Papyrus, 2010.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. A Cultura Escolar como categoria de análise e como campo de investigação na História da Educação Brasileira. **Revista Educação e Pesquisa**. v. 30. no 1. São Paulo Jan./Abr. 2004.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral, comemorações e ética. In: Projeto História. Ética e História Oral (Encontro). **Anais...** São Paulo, n. 15, p. 157-164, abr. 1997.

FIGUEIREDO, Janaina P. Amado Baptista de; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HORBATIUK, Fahena. (Org.). **Cada Vida uma Aventura...** Palmas; Paraná: Kayganguê: 2001.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. n. 1. jan./jun. 2001

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Tradução Bernardo Leitão et. al. Campinas; São Paulo: Ed. da Unicamp, 2003.

MAGALHÃES, Justino. **Tecendo Nexos**: história das instituições educativas. Bragança Paulista; São Paulo: Ed. Universitária São Francisco, 2004.

PETITAT, André. **Produção da Escola/ Produção da Sociedade**: análise sócio- histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente. Tradução de Eunice Gruman. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIÑAO FRAGO, Antonio. História de La Educación e História Cultural. **Revista Brasileira de Educação**. set./out./nov./dez. 1995.

ENTREVISTAS

BARNEK, Ivaira. Entrevista concedida a Roseli B. Klein. Porto União, 6 de outubro de 2011. Gravação em Áudio.

DOMINGOS, Alzira. Entrevista concedida a Roseli B. Klein. Porto União, 8 de novembro de 2011. Gravação em Áudio.

GUIMARÃES, Dinalva. Entrevista concedida a Roseli B. Klein. Porto União, 18 de junho de 2011. Gravação em Áudio.

GUNTER, Marie Schmidt. Entrevista concedida a Roseli B. Klein. Porto União, 29 de novembro de 2011. Gravação em Áudio.

INNOCÊNCIO, Maria Farias. Entrevista concedida a Roseli B. Klein. Porto União, 13 de dezembro de 2011. Gravação em Áudio.

HENKEL, Maria Schreiner. Entrevista concedida a Roseli B. Klein. Porto União, 22 de maio de 2011. Gravação em Áudio.

METZLER, Iara. Entrevista concedida a Roseli B. Klein. Porto União, 22 de novembro de 2011. Gravação em Áudio.

RULF, Vera Wagenführ. Entrevista concedida a Roseli B. Klein. Porto União, 26 de outubro de 2011. Gravação em Áudio.

FONTES PRIMÁRIAS

COLÉGIO SANTOS ANJOS. **Relatório Geral das Atividades da Escola Normal**. Livro de Registro “E”, no 01. Porto União; Santa Catarina: 1947.